

AS REPRESENTAÇÕES DA ÁFRICA NO QUILOMBO DOS PALMARES: HISTÓRIA, IDENTIDADE E CULTURA AFRICANA

Karla Eiterar (UFJF)¹
Enilce Albergaria (UFJF)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar a África e o Quilombo de palmares nas obras dos seguintes escritores: Leda Maria de Albuquerque Noronha, carioca, autora praticamente desconhecida, criadora da narrativa *Zumbi dos Palmares*; Gayl Jones, estadunidense, autora do poema narrativo *Song For Anninho*; Oliveira Ferreira da Silveira, gaúcho, autor do livro *Poema Sobre palmares*.

Palavras-chave: África; Palmares; Quilombo; História; Literatura.

Através dessas obras proponho algumas reflexões sobre essa articulação entre Literatura e História, analisar os elementos constituintes da visão sobre a África e sobre o negro, inscritos na obra literária e nas obras poéticas, apontando para o acréscimo que a literatura traz para o discurso histórico, acerca do mesmo tema.


Serão apresentadas também questões que têm sido estudadas, contemporaneamente, por intelectuais de diversas áreas: em especial os Estudos Culturais. Abordarei temas recorrentes como: a África, a diáspora, a memória, o exílio, o território, a história, a literatura, a identidade e as experiências culturais.

Para articular uma análise crítica tomo como referência as reflexões dos seguintes analistas: Rogério Haesbaert, Stuart Hall, Michel Bruneau, e Zila Bernd.

A relevância desse trabalho se dá pela conscientização, da necessidade de tornar audíveis essas vozes que foram silenciadas durante todo este tempo, fortalecer o discurso que reafirma a importância do negro, como também da África, para a formação histórica do nosso país. Cumpre reivindicar esse espaço ainda não conquistado na sociedade e apresentar autores que contribuíram para esta causa, publicando seus livros e até hoje desconhecidos ou pouco estudados nos ambientes acadêmicos.

A finalidade desse trabalho é contribuir para uma leitura da presença africana e dos afrodescendentes, mostrar a necessidade de uma revisão histórica aliada à

¹Graduada em Letras pelo Centro Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF), Mestra em Letras: Estudos Literários (UFJF). Contato: karlaceiterer@gmail.com. Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP), Professora associada IV da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Contato: enilcejf@terra.com.br.



construção de uma literatura crítica, voltada para os temas dos grupos minoritários – dentre os quais figuram os negros e estimulando a maturação de uma consciência crítica sobre as relações multiculturais da sociedade brasileira.


Segundo Hall, a maioria dos povos descendem dos africanos:

Nossos povos têm suas raízes nos - ou mais precisamente, podem traçar rotas a partir dos - quatro cantos do globo, desde a Europa, África, Ásia; foram forçados a se juntar no quarto canto, na “cena primária” do novo mundo. Suas “rotas” são tudo, menos “puras”. A grande maioria deles é de descendência “africana”. (HALL, 2003, p.31)

Diante das atrocidades cometidas na escravidão, os negros lutaram contra a opressão e buscaram ter direito a vida, resgatar suas memórias e os valores de sua cultura, vivendo-as num lugar de refúgio, num território onde exerciam sua liberdade, ou seja, nos quilombos os quais se tornaram marcos históricos.

O maior e mais famoso dos quilombos brasileiros foi Palmares o qual era constituído por vários mocambos. Os palmaristas puderam edificar os valores da sua língua, da cultura, da religião e também da agricultura. A resistência de Palmares perdurou por sessenta e sete anos, transformando-se num estado afro-brasileiro. Tanto a História como a Literatura permite-nos resgatar essa memória dos afrodescendentes e apresentar uma reescritura desta presença africana que permeia todo o nosso universo brasileiro.

A perda de território marca o início dessa caminhada. O território funciona como um elemento forte para identidade cultural dos afrodescendentes. De acordo com Rogério Haesbaert (1994) território nasce com dupla conotação: material e simbólica, sendo que em ambas as acepções têm a ver com o poder tanto no sentido de dominação, mais concreto, como também no sentido mais simbólico, de apropriação de dominação. Essa carga simbólica carrega as marcas do que foi vivido e o seu valor. A história dos negros inicia-se, portanto, por uma trajetória diaspórica. Uma diáspora forçada. Foram coagidos a um exílio, arrancados de sua terra, obrigados a esquecer sua língua, sua cultura e sua identidade. Os negros tiveram que deixar o seu território de origem, sua pátria, suas histórias como afirma Michel Bruneau:




Toda coletividade etnocultural irradiada para fora do seu meio original. (...) Os traços comuns às diferentes diásporas, são, primeiramente, uma identidade etnocultural que se exprime por uma comunidade de crença, língua, modo de vida, e provém de uma fonte territorial e de uma história localizadas num espaço de referência que está na ideologia do conjunto, pátria comum... paraíso perdido. (BRUNEAU, 1989, p.6-7)

Muitas tensões são geradas por esse deslocamento forçado, pois é uma experiência colonial traumatizante, a perda desse território tanto em termos de espaço e cultura é impactante. A simbologia tem relação direta com a identidade desse grupo: perda da terra natal, migração, diáspora, exílio, apagamento de suas histórias e de suas memórias. Assim, como forma de resistência, surgem os quilombos, um território conquistado onde o resgate de todas perdas é o principal objetivo. Nesse espaço os negros empenhavam-se para manter suas formas identitárias e práticas sociais nas concepções territoriais, buscando resignificar os espaços conquistados.

Palmares o quilombo mais famoso da história brasileira, território simbólico, local onde a alteridade era praticada, a diferença era respeitada, um lugar onde a multiterritorialidade era vista, pois lá era o lugar para todos os excluídos. A simbologia de Palmares tem relação direta com a África- a terra prometida, pois lá eram praticados rituais culturais, como forma de resgate da identidade, um espaço reconstruído a fim de restituir o espaço outrora perdido, pois de acordo com Haesbaert (1994) o território diz respeito a ter e ser, ou seja aquele que perde o seu território pode desaparecer.

Nesse território múltiplo, os sujeitos que o construíram e suas subjetividades, suas produções de significados foram marcados pela História e pela literatura. Nosso propósito é apresentar três textos construídos por narrativas não hegemônicas, não legitimadas, mas que fazem uma releitura desses discursos históricos e culturais, nos permitindo uma desconstrução do que sempre esteve instituído pelos arquivos dominantes.

No romance *Zumbi dos Palmares* de Ieda Maria de Albuquerque (1978), reconstrói a história dos palmarinos e de seu líder mostrando a importância desse território para eles. Logo no primeiro capítulo intitulado o Quilombo da Salvação, título bastante sugestivo, para os que sonhavam em encontrar esse refúgio e para ali se instalarem, juntamente com seu grupo. A autora descreve Palmares como a cidade



inexpugnável. As terras férteis e livres, e os quilombos como os lugares para onde fugiam os negros, os pobres, todos os que fossem sofridos e que buscassem a liberdade.

Bambuza o personagem que dá início a narrativa, sempre imaginava o quilombo de tanto ouvir falar nele e fuge para Palmares, queria antes de tudo ser livre e dizia que a liberdade estava lá no quilombo da Salvação:

O jovem negro começou a subir a encosta da serra. Caminhava agora entre as plantações muito bem arrumadas: pomares com árvores dispostas em filas, como soldados preparados para o ataque, bananais cujas folhas verdes varriam o chão. (ALBUQUERQUE, 1978, p.14-15)


As práticas diaspóricas também faziam parte dos rituais feitos em Palmares, como a prática de manutenção dos laços comunitários e de resgate da identidade outrora perdida. É a prática da alteridade, tornam-se uma sociedade de acolhimento, como afirma Bruneau:

a diáspora como uma construção social visando estabelecer e manter laços entre populações migrantes, que se acreditam provenientes de uma mesma origem, real ou mítica, apresentando por isso características próprias. (BRUNEAU, 1998, p.8-9)

A respeito dessas relações diaspóricas temos no romance o seguinte exemplo:

Dentro da noite calma, sob os leques farfalhantes das palmeiras, os negros batucavam. Os pés nus batiam no chão, compassadamente. Uma nuvem de pó começou a subir devagar, misturando-se lá em cima com fumaça das tochas. Os ecos da serra da barriga levaram para longe o ritmo triste e nostálgico que lembrava aos malungos a África distante. (ALBUQUERQUE, 1978, p.29).

Tonga é um personagem que decide não fugir para Palmares, conservando-se, aparentemente, um escravo servil para o governador. Mas ele era informante de Zumbi e quando soube que o quilombo seria atacado. Ele resolve avisar seus companheiros e o rei de Palmares, porém ele morre assim que consegue dar o recado, pois tinha um ferimento na perna e fez um grande esforço para chegar antes deles até a Serra. Por isso Bambuza solicita a Zumbi que Tonga seja enterrado no solo sagrado de Palmares:



Quero que me deixes enterrar este homem junto aos nossos irmãos, sob a palmeira da liberdade (...) Ninguém é mais digno de ficar lá do que este homem. Este é o corpo de Tonga. Há muito tempo que ele poderia ter fugido para Palmares. Mas preferiu ficar na cidade, sofrendo os maus tratos de senhores sem coração, só para poder dar-nos de vez em quando avisos e informações preciosas, só para poder dizer a Zumbi dos Palmares o que os seus inimigos tramavam contra ele. Ele morreu para vir avisar-nos da última traição do homem branco. (ALBUQUERQUE, 1978, p.79-80).

Em fase a argumentação de Bambuza, Zumbi concorda e deixa que Tonga seja enterrado sob as palmeiras, aceitando que diante de tudo que ele fez não iria desagradar aos filhos da liberdade que lá já repousavam, era um malungo e morreu para que todos os outros pudessem ser livres. É um momento bastante significativo para os palmarinos, eles fazem o enterro, providenciam a cova de Tonga e acomodam o seu corpo heroico, no solo livre de Palmares, sob os leques farfalhantes e verdes palmeiras.

Esse território simbólico e funcional é o lugar onde os heróis palmarinos deveriam descansar, nas palavras de Haesbart (1994) O território funcional e simbólico, seria um local onde exercemos domínio sobre o espaço, tanto para realizar funções como também para produzir significados. O território funcional está ligado às funções, aos recursos como proteção e abrigo: o lar, lugar de repouso. E o simbólico está ligado à produção de significado: a identidade.


No poema *Song For Aninho* Almeyda a protagonista negra deseja ser uma com a terra, Ela narra sua história aliada à de Palmares, para Zibatira uma índia curandeira.

(...) I wanted my body to become
one with earth,
to become the earth.
And I saw it do so, Anninho,
the earth, the earth was me.
The flesh of the earth was my flesh (...). (JONES, 1981, p.3)²

² (...) Eu queria que o meu corpo se tornasse
um com a terra.

E eu vi isso acontecer também
a terra, a terra era eu.

A carne da terra era minha carne (...). (JONES, 1981, p.3, tradução nossa)



Almeyda e seu amado Anninho também estão submetidos aos trajetos diaspóricos juntamente com a coletividade quilombola, além de muitos ali serem ex- escravizados, passam por uma longa jornada até chegarem ao Quilombo, muitas eram as caminhadas que tinham que fazer até conseguirem encontrar lugares seguros para a construção de novas habitações:

(...) At the new Palmares, we'll
trade manioc and hide
for houses, and ride through these mountains(...)
(JONES, 1981, p.89)³

Almeyda canta que os quilombolas tinham seus códigos, suas disciplinas e que escreviam suas crônicas sobre a guerra. Destaca que os portugueses achavam que poderiam acabar com a imortalidade de Zumbi, e que eles narrando a história transformaram heróis em vilões:

(...) Wont't return? He was the only man I ever
Stood in awe of. In the New Palmares,
We'll maintain his codes and discipline,
and in that way he'll be there.
We'll write his chronicles in wars against
them, and in settling of accounts.
Ah. They think they can kill his immortality.
While I'm out writing his immortality.
While I'm out writing his chronicles in
expeditions against the Portuguese,
you'll stay in the new place, writing
his chronicles to hold against theirs.
You see how they transform heroes into villains,
and noble actions into crimes, and elevated
codes into venality?
"I'll write your chronicles, Anninho."
He laughs
"But it's not the actions I wish to capture,

³“(...) No novo Palmares, nós comercializaremos mandioca e esconderemos por cavalos e cavalgaremos através destas montanhas(...)”
(JONES,1981,p.89, tradução nossa)

But the spirit! (...)
(JONES,1981, p.78)⁴


No *Poema Sobre Palmares* o poeta descreve os negros viajantes pelos mares, pelos os porões dos navios, os “embrenhamentos” pelo mato a fora e a chegada no território de Palmares:

(...) quebro tudo, me sumo na noite
da cor da minha pele,
me embrenho no mato(...) (SILVEIRA, 1987,p.1)
(...)
(...) tumba tumbeiro
navio negreiro
canseira e tombo (...). (SILVEIRA, 1987, p.4)

Palmares é um território simbólico onde os corações latejavam, eram corações de tambor que tinham a história no peito:

(...) Palmares,
coração latejante
no perfil estufado do Brasil!
coração de tambor
ressoando no peito
da história(...). (SILVEIRA, 1987, p.10)

⁴ (...) não retornará? Ele foi o único homem que eu já
Temi no novo Palmares,
Nós manteremos seus códigos e disciplina,
e dessa forma ele estava lá.
Nós escreveremos suas crônicas em guerras contra
eles, e no acerto de contas.
Ah. Eles pensam que eles podem matar sua imortalidade.
Enquanto eu estou longe escrevendo suas crônicas em
expedições contra o Português,
você estará no novo Palmares escrevendo
crônicas dele para manter-se contra as deles
Você vê como eles transformaram heróis em vilões.
e nobres ações em crimes, e elevados
códigos em venalidade?
“Eu escreverei suas crônicas, Anninho.
Ele ri. (...).
(JONES,1981, p.78, tradução nossa)




Quando o poeta retrata Palmares, o exalta, pois para os negros, este local é o refúgio da esperança no qual a liberdade e a cultura são exercidas:

(...) Palmares se fez forte nos contornos
para proteger esses rebentos.
Palmares se fez graça e colorido
para ver florir essa infância.
A serra se fez mais alta
para proteger esse destino.
a terra se fez verde e orvalhada
para nutrir essa esperança.

E se dançava porque os livres
tem direito de dançar.
e se cantava porque os livres
tem prazer em cantar(...)
(SILVEIRA, 1987, p.8-9)

Em relação a toda dispersão causada pela migração forçada: a diáspora africana, o exílio e as marcas que a escravidão pôde causar estão bem representados nesse trecho do poema:

Quilombo!
costa africana
caçada humana
angola e congo
- quilombo!
tumba tumbeiro
navio negreiro
canseira e tombo
- quilombo!
venda no porto
marca no corpo
carga no lombo
- quilombo!
roda moenda
lavra fazenda
cava no fundo
- quilombo!
tuzima e tunda
relho na bunda
ferros e tronco
- quilombo!
fuga do açoite
negro na noite



caminho longo
- quilombo!
chega de amo
tambor que chama
na mata um rombo
- quilombo!
raio de ponta
trovão que ronca
com seu estrondo
- quilombo!
lança de guerra
tambor na serra
com seu ribombo
- quilombo! (SILVEIRA, 1987, p.4-5)

Os autores tanto do romance como também dos poemas buscaram a construção de uma nova identidade, para os negros e deixam claro o sentimento de exaltarem um grupo honrado de pessoas. Portanto, finalizo com as palavras de Zilá Bernd (1988) os autores revelaram a preocupação em valorizar esse grupo, através dessa narrativa e das poesias. E fazem muito mais do que reivindicar um mero reconhecimento, eles buscaram a reapropriação de um espaço existencial que seja próprio a esse grupo.

Referências bibliográficas


ALBUQUERQUE, Leda Maria. *Zumbi dos Palmares*. 2 ed. São Paulo: Ibrasa, 1978.

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BRUNEAU, Michel. *Espaços e territórios de diásporas*. Tradução Lucy Magalhães [s.l.], 1998.

HALL, Stuart. *Da diáspora*. Tradução. Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HAESBAERT, R. 1994. O mito da desterritorialização e as “regiões-rede”. *Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia*. Curitiba: AGB, pp. 206-214.



JONES, Gayl. *Song for Anninho*. Boston: Beacon Press, 1981.

SILVEIRA, Oliveira. *Poema sobre Palmares*. Porto Alegre: Edição do Autor, 1987.